



Pesquisa mostra importância de lesão para diagnóstico da cárie em crianças

RAQUEL DO CARMO SANTOS

kel@unicamp.br

A inclusão da lesão de mancha branca, primeira manifestação clínica da cárie, no diagnóstico em crianças entre 3 e 4 anos é uma valiosa forma de detecção precoce da doença. A cirurgiã-dentista Thaís Manzano Parisotto comprovou a importância do critério em sua dissertação de mestrado, desenvolvida na Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP), sob orientação da professora Marinês Nobre dos Santos Uchôa.

Thaís avaliou 351 pré-escolares que frequentavam creches e escolas públicas da cidade de Itatiba, no Estado de São Paulo. Quando o critério da Organização Mundial de Saúde (OMS), o qual considera cariada apenas a superfície com cavitação, foi empregado no levantamento epidemiológico, a cirurgiã observou que 69% das crianças estavam livres de cárie. Esta porcentagem caiu pela metade ao incluir no diagnóstico a lesão de mancha branca ativa. Pelo estudo, 32% da amostra estava livre de cárie.

Mancha branca é primeira manifestação

“Isso significa que a inclusão dessa lesão no diagnóstico é significativa, inclusive para propostas de ações preventivas” alerta Thaís, que identificou ainda 27% das crianças apenas com as lesões de manchas brancas ativas. Uma sugestão ao considerar as lesões como um fator de alto risco para a cárie precoce seriam as aplicações tópicas de flúor para a paralisação dessas lesões e, assim, evitar a cavitação. “Isso certamente contribuiria para minimizar a prevalência da doença na população infantil”, explica.

Em geral, explica Thaís, a inclusão do critério nos levantamentos epidemiológicos exige um período maior de exercícios de treino por parte dos examinadores para se obter um diagnóstico preciso e confiável. Como nem sempre isso é possível, esclarece, em grandes populações a lesão muitas vezes não é incluída. A pesquisa, no entanto, mostrou que a diferença na prevalência de cárie quando se considera essa lesão é bastante significativa para que ela não seja levada em consideração.



Foto: César Maia

A cirurgiã-dentista Thaís Manzano Parisotto, autora da dissertação: 351 crianças foram avaliadas



Foto: Divulgação

A psicóloga Ligia Zuppi da Conceição Suzigan: dificuldades não chegam a causar problemas sociais significativos

Estudo investiga sociabilidade de mulheres portadoras de síndrome

A psicóloga Ligia Zuppi da Conceição Suzigan investigou a sociabilidade em 52 pacientes portadoras da Síndrome de Turner. A enfermidade, pouco conhecida, afeta apenas mulheres e consiste na ausência de um cromossomo X no organismo. Trata-se de uma doença decorrente de má-formação na gestação, mas não rara de acontecer, pois a incidência é de um em cada 2.500 indivíduos.

As portadoras da enfermidade, em geral, possuem baixa estatura, esterilidade, ausência de seios e a menstruação é tardia. Podem também desenvolver ao longo dos anos problemas cardíacos e renais. O diagnóstico nem sempre ocorre na infância. Muitas vezes, este problema é detectado somente na adolescência.

Em função destes distúrbios tão importantes para a percepção de feminilidade, as mulheres tendem a apresentar dificuldades de relacionamento com amigos, familiares e em situações amorosas. “Vários estudos na literatura apontam este aspecto. Por isso, quis investigar”, destaca a psicóloga, que defendeu tese de doutorado na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) sobre o tema. Ligia foi orientada pela professora Andréa Trevas Maciel-Guerra.

No estudo, ela não só avaliou 52 pacientes, na faixa etária entre 15 e 35 anos, atendidas no Hospital das Clínicas da Unicamp, como também entrevistou e comparou o questionário aplicado em 33 irmãs e 30 mães de pacientes. Segundo a psicóloga, as portadoras da Síndrome de Turner tiveram bom desempenho no Inventário de HS (IHS-Del-Prete), um questionário que mensura o conhecimento e a utilização adequada de habilidades sociais nas situações interpessoais.

Os resultados das pacientes foram semelhantes quando comparados aos das irmãs. Ainda no quesito auto-exposição a desconhecidos e situações novas, as enfermas foram mais bem avaliadas em relação às irmãs. O estudo mostrou também que as pacientes mais velhas se saíram melhor nos resultados que as novatas.

Durante as entrevistas, porém, as mães relataram mais problemas de relacionamentos familiares e sociais por parte das portadoras da síndrome do que as irmãs. “Houve poucas queixas espontâneas de relacionamento interpessoal. Mas, a maioria das pacientes entrevistadas deixou transparecer dificuldades de cunho social. Pelo que pude perceber, essas dificuldades não chegam a causar problemas sociais significativos a ponto de torná-las insatisfeitas”, avalia. (R.C.S.)

Metodologia avalia resposta de músculos em exercícios físicos

Uma metodologia alternativa para avaliar a resposta dos músculos do corpo humano envolvidos em uma atividade física foi testada em 14 voluntários no Laboratório de Estudos Eletromiográficos da Faculdade de Educação Física (FEF). O índice do limiar de fadiga neuromuscular é indicado para atletas, idosos ou indivíduos que precisam aferir o esforço e a velocidade dos movimentos, servindo como parâmetro de treinamento ou avaliação física. Consegue-se, por exemplo, identificar os músculos deficientes em determinada atividade e, assim, aperfeiçoar os exercícios voltados para aquela região do corpo.

O método, criado em 1982 pelo americano Herbert DeVries, é seguro e não leva a pessoa à exaustão, como ocorre no teste convencional, inviável para idosos e cardiopatas que não podem ser submetidos a exercícios rigorosos. “As formas utilizadas são desgastantes e desconfortáveis, pois o teste é feito na bicicleta ergométrica ou esteira, cuja carga aumenta até o limite suportado”, explica o autor da pesquisa de mestrado, Eduardo Bodnariuc Fontes.

Na proposta do Grupo de Estudos e Pesquisa do Sistema Neuromuscular da FEF, coordenado pelo orientador Antonio Carlos de Moraes, ao invés de se fazer o máximo de exercício, são realizados quatro testes de um minuto cada e, a partir de cálculos matemáticos, chega-se ao índice de forma precisa. “O indivíduo não entra em fadiga”, garante. Por isso, Fontes indica a adoção do método como exercício de aquecimento, pois otimizaria o treinamento do atleta. “Em cinco minutos pode-se identificar a intensidade ótima para a atividade física”, explica.

Mesmo desenvolvida há mais de 20 anos, a metodologia nunca foi usada no Brasil. Fontes não sabe ao certo os motivos, mas a iniciativa do grupo da FEF é justamente associar o método a parâmetros de frequência e percepção subjetiva do esforço. Com isso, a idéia é adaptar e diminuir o mínimo possível o tempo de atividade para conseguir resultados precisos. “Com o avanço da tecnologia, o método ficou mais simples e acessível”, conclui. (R.C.S.)



Foto: Antoninho Perri

Eduardo Bodnariuc Fontes, cuja dissertação foi apresentada na FEF: “O indivíduo não entra em fadiga”